

Na França, a melhor reação: liberação de US\$ 250 milhões.

A França está disposta a desbloquear créditos de exportação com garantia no montante de até um bilhão de francos (250 milhões de dólares), sem esperar a aplicação do acordo bilateral, decorrente do acordo firmado em janeiro com o Clube de Paris. Esse foi o melhor resultado obtido até agora pelo ministro Dílson Funaro em sua visita a vários países credores europeus. Essa posição do governo francês indica que foi em Paris onde o ministro Dílson Funaro obteve melhor resposta para suas reivindicações na Europa, pois Londres e Bonn não se mostram dispostos a seguir o mesmo caminho, pelo menos por enquanto, mesmo reconhecendo que é urgente a retomada dos investimentos nesse país. Esses créditos são os que Dílson Funaro já havia se referido na véspera, mesmo não sabendo informar seu montante aproximado e que foram anunciados pelo próprio ministro francês, Edouard Balladur.

Essa maior compreensão do governo francês, principalmente se comparada com a quase hostilidade do governo de Margaret Thatcher, não quer dizer, entretanto, que o ministro brasileiro tenha sido recebido de braços abertos no

imóvel do Louvre, onde está instalado o gabinete do Ministro de Economia, Edouard Balladur. Funaro foi acolhido com muitas reservas e de forma apenas discreta, como aliás ocorreu também em Bonn, onde a polidez francesa e alemã não pode ser interpretada como apoio total a posição brasileira. Tanto na conversa com Edouard Balladur, como também com Jacques de Larosière, atual presidente do Banco da França, Funaro foi advertido pelos seus melhores aliados europeus, insatisfeitos com a posição assumida pelo Brasil ao decretar a moratória, decisão classificada de "intempestiva". No fundo, o recado que Funaro recebeu em Paris, como também em Bonn, foi mais ou menos o mesmo: nos ajude a apoiá-los.

Isolamento do Brasil

Alguns analistas estão convencidos que a cada dia o isolamento do Brasil está-se acentuando, lembrando que os credores firmaram nos últimos dias diversos acordos com países endividados, aceitando condições "altamente vantajosas". As exigências da Venezuela, até alguns dias tidas como inaceitáveis, acabaram sendo aceitas após terem sido obstinadamente rejeita-

das. Também o Chile de Pinochet obteve condições razoáveis, enquanto os credores estão anunciando que vão acelerar as negociações com a Argentina, após já terem autorizado um crédito "relais" de 500 milhões de dólares e do qual participam 12 países industrializados. Daqui para frente há muita expectativa em relação à evolução da situação nas próximas semanas. O próprio ministro Dílson Funaro confirma isso quando declara que o próximo passo vai depender de algumas respostas dos governos dos países visitados. Eles vão ter que decidir se poderão ou não influenciar os bancos comerciais a aceitar certas reivindicações brasileiras. Já se sabe que a resposta de Londres é negativa, enquanto Washington estaria hesitando, mesmo porque a influência do governo sobre a Reserva Federal, o FED é relativa.

Na França, o ministro Dílson Funaro recebeu uma resposta polida, mas evasiva sobre esse problema. Esse país, cujos principais bancos envolvidos com a dívida brasileira, Paribas, Crédit Lyonnais BNP, Société Générale são ainda estatais, apesar de estarem sendo privatizados, dificilmente agirá nesse sentido, pois estaria fe-

rindo a autonomia de um sistema que se está transferindo para o setor privado. A Grã-Bretanha foi taxativa lembrando que esse é um problema dos bancos comerciais, repercutindo, de certa forma, a própria posição norte-americana.

Ontem, a imprensa francesa comentava a passagem-relâmpago de Dílson Funaro por Paris, concluindo que seu giro pelos países credores resultou num "semimalogro". Para o **Libération**, defendendo a causa dos países endividados, o ministro brasileiro não soube mostrar-se convincente, reconhecendo que a má situação financeira do Brasil não o ajudou muito nessa tarefa. O matutino econômico **Les Échos** afirma que Dílson Funaro pretendeu mostrar-se conciliante, tentando convencer seus interlocutores que não está procurando nenhum confronto com os credores. A missão de Funaro, segundo o jornal, constitui uma tentativa de restabelecer a confiança internacional no seu futuro econômico, mesmo se ela não se coaduna com a disputa de braço de ferro com os credores, às vésperas do reinício de negociações em Nova York com os bancos comerciais. **Real J. Junior, de Paris.**